

Os mapas como fonte de pesquisas históricas: análises metodológicas

Ivoneide de França Costa*

Resumo: A construção de mapas sempre esteve presente na história da humanidade como uma prática relacionada às atividades de orientação e registro. No entanto, os mapas podem ser utilizados na observação de processos históricos com interpretações dos espaços, bem como elementos que podem fornecer subsídios para analisar a evolução do tempo. Os mapas podem também ser usados no contexto de interesses políticos como instrumentos para negociações territoriais e delimitação de fronteiras. O presente artigo procura entender os mapas como uma fonte para pesquisas históricas, procurando observar, por meio do tipo de sugestões de análises propostas por Peter Burke, como a cartografia pode tornar tal prática possível. Com o objetivo de compreender como isto poderia se dar utilizaremos como fonte alguns mapas elaborados por Theodoro Fernandes Sampaio durante a expedição pelo Rio São Francisco e Chapada Diamantina no século XIX, procurando entender as características presentes em tais desenhos e as intenções do autor ao elaborá-los.

Palavras-chaves: mapas, imagens, história.

Abstract: The construction of maps always was present in the history of the humanity as a practice related to orientation or registry activities. Nevertheless maps can be used to notice historical processes with interpretations of the spaces, as well as elements that can supply supplying subsidies to analyze the time evolution. The maps can also be used in the scope of political interests as instrument for territorial negotiations and delineation of borders. The present article tries to understand maps as a source for historical researches, trying to notice, through the kind of analysis suggestions proposed by Peter Burke, how the cartography can make that practice possible. In order to understand how this could be possible we will use as source some maps made by Theodoro Fernandes Sampaio during the expedition on the São Francisco river and Chapada Diamantina in the XIX Century, trying to understand the characteristics presented on those drawings and the intentions of his author when making them..

Keyword: maps, images, history.

Um pouco de História

Desde a pré-história a confecção de mapas se faz presente na história da humanidade como instrumento de orientação e/ou registro. A base do sistema cartográfico atual esta assentada na cultura grega, tendo sido estes que “admitiram a forma esférica da Terra, com seus Pólos, Equador e Trópicos, desenvolveram também o sistema de latitude e longitude, desenharam as primeiras projeções e calcularam o tamanho do planeta”. (RAISZ, 1969:12).

* Professora Auxiliar do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana – Ba.

Na Europa nos séculos XVI e XVII a utilização de mapas foi impulsionada, nesse período surgiu a impressão possibilitando a produção e distribuição mais rápida e favorecendo a troca de informações atualizadas. O aspecto comercial da confecção e a publicidade foram resultados de uma nova dinâmica para a produção e propagação, nesse mesmo período deu-se atenção para a precisão. Segundo Black (2005), o progresso assegurava que os dados cartográficos seriam precisos, tal qualidade era relevante devido às informações descritivas contidas neles, e “isso era importante porque os mapas descreviam características físicas, especialmente montanhas e rios, como também cidades, estradas, batalhas e fronteiras”. (BLACK, 2005:34).

No século XVIII o hábito de se fazer referências a mapas expandiu-se, o interesse político assegurava seu uso nas negociações territoriais, em delinear fronteiras e em momentos de guerras políticas. No século XIX seu crescimento continuou impulsionado com as tecnologias, que favoreceu a expansão e reforçou a impressão, inclusive em cores. A confecção mecanizada do papel e a prensa topográfica permitiram a ampliação do público cartográfico. A educação em massa, também permitiu o crescimento da história e geografia o contribui para uma demanda pedagógica dos mapas (BLACK, 2005), fazendo com que as editoras produzissem em escala maior. O imperialismo do século XIX, voltado para a territorialidade e controle dos espaços onde as descobertas refletiam a expansão e exploração, impulsionou a confecção de Atlas, que “freqüentemente terminavam com um mapa do mundo mostrando as possessões e dependências britânicas” (BLACK, 2005: 108), para reforçar o domínio e ostentar a grandeza do império. Os alemães, ainda século XIX, foram os maiores produtores de mapas e Atlas, caracterizados pelas riquezas de detalhes e fielmente executados.

No princípio do século XX, a utilização da fotografia aérea substituiu as medições topográficas manuais. Com a utilização da câmera fotográfica, pode se ter maior precisão e com menos tempo, além de possibilitar a exploração em regiões de difícil acesso. Comparando a fotografia aérea com o mapa, verifica-se que ambas tem vantagens em pontos distintos, não podendo uma prevalecer totalmente sobre a outra. Ao analisar essas diferenças podemos fundamentar os princípios da cartografia:

Mapas são desenhados em escala, são seletivos, destacam o que lhe parece importante, desenhados a partir de contornos e símbolos padronizados, generalizam quando necessário para a representação, possuem títulos, inscrições ou denominações e legendas, são normalmente relacionado a um sistema de meridianos e paralelos. (RAISZ, 1996:89)

Segundo a Sociedade Brasileira de Cartografia, a definição formal de mapa aceita e difundida estabelece como uma “representação cartográfica plana dos fenômenos da sociedade e da natureza, observados em uma área suficientemente extensa para que a curvatura terrestre não seja desprezada e algum sistema de projeção tenha que ser adotado”, no intuito de “traduzir com fidelidade a forma e dimensões da área levantada”. (MENEZES, 2004: 02)

No seu planejamento, devemos a princípio considerar qual a sua função, qual interesse, qual área incluir, qual escala e sistema de projeção usar, que acidentes do terreno devemos destacar, qual técnica usar, que estilo, que inscrições, quanto tempo dispomos, esses e outros itens são fundamentais para um bom resultado no desenho. A forma de um mapa depende da área a ser representar e seu tamanho é limitado pelo tamanho do suporte de desenho. O esboço a lápis facilita a determinação do plano de trabalho dando a idéia de conjunto. Outro fator importante no mapa se refere a sua precisão e ao seu propósito, esses fatores darão credibilidade e funcionabilidade ao mapa.

A importância de estudo sobre mapas

Os mapas também fornecem subsídios para a história, para o qual se constituem de Atlas Históricos de onde podemos perceber processos históricos em interpretações e relações dos espaços, fornecendo elementos para acompanhar a evolução das épocas. O estudo dos mapas oferece uma abordagem para entendimento da história, contudo na maioria das vezes passam despercebidos, semelhante ao que acontece, salvo algumas exceções, com outras imagens, servindo de meras ilustrações¹, “sem aproveitar o seu valor enquanto expressão do momento histórico” (COSTA, 2005:02) ou simplesmente pensar “que para fazer história bastavam apenas documentos escritos, aqueles que continham em suas linhas e entrelinhas mensagens, vestígios do que outros homens fizeram, e, quando muito pensaram”. (FREITAS, 2003:01). Contudo, essa visão tem se alterado, os historiadores estão dispostos a incluir mais tipos de artefatos e outras produções humanas em seu campo de estudo. (ALPERS, 1999). Nesse contexto, estudiosos estão considerando a estrutura dos mapas bem como sua base cognitiva.

¹ Peter Burke no seu livro Testemunha Ocular faz um estudo da utilizando as imagens como evidência histórica, apontando que os últimos tempos, os historiadores tem ampliado consideravelmente o uso das imagens ao lado de textos literários e testemunhos orais. BURKE, Peter. Testemunha Ocular: história e imagem. SP: Edusc, 2004.

Alpers (1999) lembra que como a arte de pintar², no mapa se tem “uma superfície sobre a qual se faz uma montagem do mundo”, e mesmo tratando as pinturas e mapas como elementos separados, ambos são “usados para servir ao mapeamento de uma região”, se distinguindo apenas pela sua aparência, ou seja, um estaria mais próximo da ciência o outro da arte e acrescenta: “os mapas fornecem-nos a medida de um lugar e relação entre lugares, dados quantificáveis, enquanto as pinturas de paisagem são evocativas e visam antes a dar-nos certa qualidade de um lugar ou da percepção que o observador tem dele”. (ALPERS, 1999: 250).

Burke (2004) propõe alguns aspectos a serem observador quando estudamos imagens. O primeiro deles aponta para compreendermos que as imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim a visões contemporâneas daquele mundo. O segundo remete a preocupação de enfatizarmos as imagens como testemunhos, e por isso, necessitam ser colocadas no contexto e/ou contextos, ou seja, políticos, culturais, meterias. O terceiro, acentua que um conjunto de imagens oferecem testemunhos mais confiáveis do que imagens isoladas. E por último, ressalta a importância dos historiadores lerem as entrelinhas, para perceber os detalhes e inclusive as ausências. Estes aspectos norteiam entendimentos sobre as imagens de modo geral, vamos aplicar esse conhecimento em mapas, para verificamos a eficácia dessas “regras” de estudo de imagens.

Um mapa histórico: uma breve análise

O mapa abaixo data de 1880, foi confeccionado por Theodoro Fernandes Sampaio na sua viagem pelo rio São Francisco e Chapada Diamantina³. O mapa apresenta à passagem de Theodoro Sampaio nas imediações da cidade de Rio de Contas – Ba seguindo para Villa Velha⁴. Corresponde a visão do cientista e engenheiro Theodoro Sampaio sobre a região, da qual representou as elevações, povoados, rios e riachos. A função dos mapas para a expedição, de modo geral, eram delinear o trajeto, apresentando os acidentes geográficos e as localidades ao longo do percurso.

Observamos que no canto a direita esta uma linha vermelha se referindo a estrada, essa informação é uma espécie de indicação para o uso da linha representando o trajeto percorrido através do mapa, poucos foram os mapas onde o trajeto era indicado com linha

² A autora de refere à pintura de paisagens.

³ Essa viagem foi realizada em 1879-80, pela Comissão Hidráulica do Império. Tinha o objetivo de estudar os potenciais de navegabilidade do rio São Francisco. O percurso foi estendido para realização de uma expedição na região da Chapada Diamantina e os sertões baianos.

⁴ Atual cidade de Brumado – Ba

colorida, nesse caso ele procurou destacar no mapa. Nos desenhos⁵ feitos por Theodoro, sejam mapas, paisagens ou figuras humanas, prevalecem o uso apenas do lápis preto. Outros elementos que se destacam no mapa são as representações das serras de Villa Velha e as informações técnicas dos Picos de Alma e o Mato Grosso.

Nos mapas confeccionados por Theodoro Sampaio na viagem pelo rio São Francisco e a Chapada Diamantina, encontram o conteúdo que versa de determinação de trajeto, localização de montanhas e tipos de rochas, percebe-se também a evolução das informações à medida que o trajeto se evoluía. Os mapas, da mesma forma que os desenhos de paisagens da época, buscavam uma representação do país, como lembra Dória:

Eram de fato muito dinâmicas as relações entre a Cartografia e o chamado desenho “de paisagem” ao menos até o século XIX: saber ‘representar um país’ poderia ter um sentido amplo, indo desde a feitura efetiva de um mapa até à realização de ‘vistas’ e de figuras de plantas e animais – sendo a palavra país justamente a raiz etimológica de “paisagem”. (DÓRIA, 2004:13)

Numa breve análise das intenções, percebemos que o mapa apresenta uma visão do autor sobre a região, nele, Theodoro procurou inserir elementos necessários para o reconhecimento da região mesmo que esses elementos não caracterizassem aspectos pertinentes a cartografia, como no caso de elementos topográficos. Além disso, fornecia o trajeto percorrido pelo expedicionário, servindo de referência para o mapeamento da região da Chapada e com seus atributos econômicos, dados importantes para o Império.

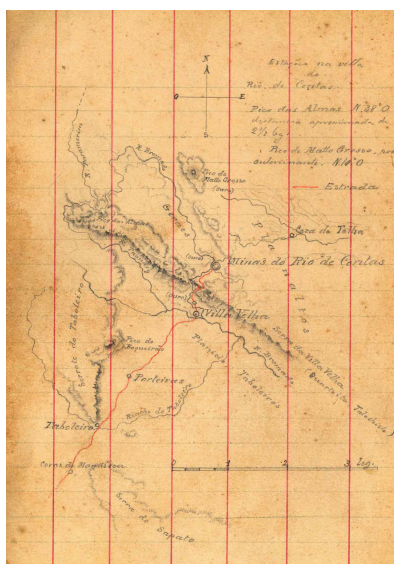


Imagem 1: Mapa de Vila Velha. Autoria Theodoro Sampaio - 1880. Fonte: Arquivo Theodoro Sampaio – IGHB

Outros aspectos podem ser estudados a partir desse mapa, como por exemplo: a evolução territorial, as mudanças de nomes das localidades, maneiras como engenheiros

⁵ Na expedição Theodoro representou paisagens, mapas, pessoas, objetos. Estes desenhos se encontram no Arquivo Theodoro Sampaio, localizado no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

procediam em meados do século XIX utilizando a cartografia, técnicas de desenho de mapas utilizados por engenheiros da época.

Seguindo nossa análise utilizando os mapas de Theodoro Sampaio, temos um mapa que apresenta o canal do Sobradinho em 1879, de onde se tem a imagem 2. O mapa tem uma função informativa, vê-se a indicação de Santa Anna - BA, (pequeno povoado onde a Comissão fez pouso), O canal do Sobradinho, o Tabuleiro, o Serrote do Sobradinho, a ilha da Cachoeira e a indicação do Norte. Há colocações de letras em locais específicos em volta da ilha que, conforme caderneta de viagem indica a profundidade de cada ponto segundo o próprio Theodoro Sampaio (1879): o local indicado pela letra “a” é o de menor profundidade, os locais das letras “c” e “d” são “bastantes profundos até quase a extremidade superior da ilha de Cachoeira onde as pedras interrompem o leito do rio e dificultam a passagem na vazante, o que se chama geralmente de cachoeira de Sobradinho” (SAMPAIO, 1879:41). Como se observa nesse mapa, estas informações apresentam a outra função da Comissão Hidráulica, a de verificação das profundidades por sondagem, complementadas pela determinação das velocidades do rio e dados climatológicos da região.

Essas indicações serviriam para avaliar as possibilidades de melhoramento do canal a fim de viabilizar a navegação. As Cachoeiras⁶ de Sobradinho eram consideradas importantes por serem as únicas existentes entre Juazeiro-Ba e o curso do rio desimpedido, o seu melhoramento facilitaria o comércio e o movimento de passageiros naquela região dificultada na estiagem, ou seja, seu melhoramento era necessário por questões econômicas.



Imagem 2: Mapa da cachoeira do Sobradinho. Autoria Theodoro Sampaio - 1879. Fonte: Arquivo Theodoro Sampaio – IGHB

Este último mapa difere um pouco do anterior, não mostra o itinerário, ele se atenta a um estudo sobre as condições do local para possíveis melhorias. Comparados os dois

⁶ Segundo Theodoro Sampaio havia pelo menos quatro cachoeiras no canal do Sobradinho, estas com a construção da barragem do Sobradinho ficaram submersas. (SAMPAIO, 1879)

mapas, elementos são comuns no que diz respeito à representação dos acidentes geográficos, mas as funções se diferenciam, ou seja, a concepção de mapa para Theodoro Sampaio incluía-se representação elementos necessário para que se conhecesse a região que estava sendo explorada e determinação dos pontos onde seria possível modificar para atender ao objetivo da expedição, no caso a navegação pelo rio São Francisco e reconhecimento da região da Chapada.

Havia, no entendimento de Theodoro, intenções específicas com os mapas, representar o Brasil era preponderante, país que estava sendo descoberto e dominado, e este era o objetivo das comissões na segunda metade do século XIX, uma visão voltada para a expansão, modernização e conhecimentos do país. As comissões nesse período percorreram o Brasil “visando à construção de estradas de ferro, a avaliação da navegabilidade de certos rios e o mapeamento geológico do país”. (KURY E SÁ apud KURY, SÁ & LIMA, 2000:24). Diferente do ocorreu no século XX, onde as expedições tinham outra natureza de interesse. Num país em crescimento, as comissões agora organizadas por instituições nacionais, voltaram sua atenção para era de intervenção local, numa tentativa de melhorar quadro de pobreza, de doenças e de más condições de higiene.

Pelo que percebemos, os mapas de Theodoro Sampaio oferecem o entendimento sobre as condições da região na época, bem como indícios⁷ do que se pretendia realizar através da expedição pelo rio São Francisco e a Chapada Diamantina. Com esse mapa também poderíamos viabilizar pesquisas que tratassem das modificações ocorridas pelo rio São Francisco depois de 1879, por exemplo, em virtude das construções de barragens.

Considerações finais

Nessas imagens procuramos fazer uma análise tentando aplicar aos critérios de interpretação propostos por Peter Burke, contudo as imagens, sejam elas de qualquer natureza, demanda aprofundamento no “contexto” em que esta inserida, não sendo possível contemplar com ensaio. Com escolha dos mapas, buscou-se trazer em evidência um tipo de documento ainda pouco utilizado. Percebe-se o aumento das pesquisas envolvendo de paisagens, pessoas, momentos históricos sejam em desenho ou fotografias, mas a utilização de mapas ainda é tímida. Pensado nos mapas como fonte para pesquisas, procuramos ampliar

⁷ O acervo de imagens de Theodoro Sampaio na expedição, compõe-se de cerca de mais de 80 desenhos, sendo necessário um estudo com as outras imagens para se ter uma dimensão mais apurada sobre os objetivos propostos e alcançados pela Comissão. Essa pesquisa já esta sendo desenvolvida por mim, no âmbito do Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências - UFBA, UEFS.

o acervo dos documentos a serem investigados e utilizados pela histórica, o que vem favorecer e elevar o cabedal de objetos e objetivos a serem almejados, numa sociedade onde as imagens são preponderantes.

As imagens são testemunhos sobre um passado de “valor real”, suplementadas e sendo apoiadas pelos documentos escritos. O que nos remete ao seu estudo dentro do seu contexto social, ou seja, uma história cultural das imagens, utilizando-as s como evidência para a história social ou econômica, com preocupações voltadas para a ciência, gênero, política e assim por diante. (BURKE, 2004).

O presente texto propõe uma pequena contribuição o estudo das imagens, também tem a pretensão de fazer provocações a cerca do tema envolvendo análises de imagens, campo de estudo em crescimento e que vem despertando interesses não só de historiadores, mas também de antropólogos, geólogos entre outros.

Referências bibliográficas:

- ALPERS, Svetlana. **A arte de descrever**. São Paulo: USP, 1999.
- BLACK, Jeremy. **Mapas e História: construindo imagens do passado**. Bauro: Edusc, 2005.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- COSTA, Ivoneide de França. Fontes Visuais: importância, análise e possibilidades. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENGENHARIA GRÁFICA NAS ARTES E NO DESENHO E XVII. SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMETRIA DESCRITIVA E DESENHO TÉCNICO. **Anais.... GRAPHICA**. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches (FASA), 2005.
- DÓRIA, Renato Palumbo. **Entre o Belo e o útil: manuais e práticas do ensino do desenho no Brasil do século XIX**. São Paulo, 2004, 220 p. Tese (doutorado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- FREITAS, Adriana Oliveira de. Imagens e História: fotografias e documentos icnográficos como fontes históricas. In: V Encontro Regional da Anpuh - ES. **Anais Territórios e fronteiras: limites e deslocamentos**. Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, 2006. Disponível em: < <http://www.cchn.ufes.br/anpuhes/anais5/index.htm>>. Acesso em: 01 Março 2007.
- KURY, Lorelay, SÁ, Magali Romero & LIMA, Nísia Trindade. **A Ciência dos Viajantes: natureza, populações e saúde em 500 anos de interpretações do Brasil**. Catálogo. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2000.
- MENEZES, Paulo Marcio Leal de. Vamos falar de mapas?: In: **Boletim da Sociedade de Cartografia**. N. 53, 2004. Disponível em: <<http://www.cartografia.org.br/boletim/Boletim53.pdf>>. Acesso em: 29 Maio 2007
- RAISZ, Erwin. **Cartografia Geral**. Rio de Janeiro: Científica, 1969.
- SAMPAIO, Theodoro Fernandes. **Diário a Comissão Hidráulica**: Rio São Francisco: de 20 março a 31 de agosto 1879. Instituto Geográfico de Histórico da Bahia. 1879 (manuscrito).

_____. **Desenhos e Descrições.** Instituto Geográfico de Histórico da Bahia. 1879/80 (manuscrito).